

GLOBALIZAÇÃO, A INTERNACIONALIZAÇÃO DA POBREZA?

Luiz Carlos da Silva Bistene*

RESUMO

Trata-se no presente trabalho a indicação de um processo globalizador em o qual percebe-se a possibilidade de uma integração entre os povos. Entretanto a abordagem indica as hipóteses que causam ao autor uma preocupação. Esta converte-se na possibilidade de os Estados economicamente fortalecidos possam promover uma aceleração no empobrecimento daqueles que não se apresentarem com a condição de enfrentamento às questões que se apresentem. Em uma visão mais concentrada é possível perceber o quanto a estrutura social poderá apresentar maior diversificação diante da “importação” de regras que visem a implantação do poder econômico nas regiões menos favorecidas.

Palavras-chaves: Globalização - expansão – economia – integração - trabalho

ABSTRACT

It is in this work for the indication of a globalizing process in which we find the possibility of integration among peoples. However the approach indicates the chances that cause a concern to the author. This translates into the ability of states economically strengthened to promote an acceleration in the impoverishment of those who fail to report the condition of coping with the issues they present. In a more concentrated you can understand how the social structure may make greater diversification in the face of "import" of rules aimed at the deployment of economic power in less advantaged.

key words: Globalization - growing - economy - integration - work

* Mestre em Direito/FDC – Professor de Direito Empresarial da UNIGRANRIO.

INTRODUÇÃO

Ultrapassando fronteiras e ingressando na economia internacional a globalização desenvolveu a competição entre empresas e trabalhadores a nível mundial. Nesta competição globalizada, a forma de sobrevivência possível é produzir mais e mais barato. Ocorre que como efeito final há o desemprego, a desestruturação da segurança social, o rompimento dos laços de solidariedade, e outros elementos indicados como resultados perversos da competitividade à escalada global.

Globalização é como um prisma que reflete várias realidades complexas. Intensifica múltiplas conexões entre governos e sociedades, entre aquilo que é público e o que é privado, entre mercado e cultura, conformando o sistema mundial. Aumenta o grau de interdependência da produção, das finanças e dos serviços, na veloz propagação das redes de comunicações, dos riscos e das ameaças ambientais. Apresenta-se com características próprias à inauguração de um mundo maravilhoso. É bom lembrar que, se no império da globalização tudo parece representar a união de todos num só mundo, não significando isto que todos vivem harmonicamente integrados, com respeito e entendimento humano.

Não se trata de um fato novo, mas que veio por ondas no longo processo histórico e social, a globalização, permanece e cumpre sua trajetória.

Talhada pela premissa que faz da expansão do comércio, da liberalização e da privatização da produção um modelo exemplar e uma lógica imperativa, ela provoca, amparada pela revolução da informática, a conexão mundial. Confunde-se com a mundialização diante de sua possibilidade em atravessar os territórios, e ainda, com a internacionalização uma vez que há um fluxo de idéias, pessoas, bens e outros, que ocorre entre dois ou mais Estado sendo a preparação para a busca de uma localização que apresente maior rentabilidade.

O termo internacionalização, segundo ARNAUD¹ é mais familiar aos juristas do que o termo globalização ou mesmo o termo mundialização. No entanto, ao se dizer que o comércio é internacionalizado, faz-se referência a toda uma complexidade de noções, cujo núcleo engloba a idéia de nação. O termo internacional, supõe a existência de relações necessárias entre nações, sendo esta uma concepção desafiada pela globalização

A mundialização é vista como um processo crescente e continuado do envolvimento de uma atividade operacional em outros países, fora de sua base de origem. Constitui-se a globalização em um somatório de comandos, aparentemente descentralizados, muitas vezes imperceptíveis ao cidadão comum. Ela pode acrescentar perspectivas de governabilidade global, integrando forças, mas também pode caminhar para o desgoverno, despedaçando ainda mais identidades e cultivando choques de civilização e de culturas. Integra o grande mercado de bens e serviços, regionais e de blocos, mas desintegra formas que pretendem a autonomia nacional, a autarquia dos negócios, a proteção de corporativismos².

Ele, fenômeno da globalização, pode ser entendido como “uma conseqüência do processo evolutivo que teve início na Revolução Industrial, gerando uma nova dinâmica de acumulação de riquezas e de evolução tecnológica e cultural, com profundas modificações na evolução da organização social da humanidade”.

Na verdade, o que torna contemporâneo o conceito de globalização é a compreensão de que há necessidade de uma abordagem complexa que envolve conceitos multidisciplinares que transcendem a ótica meramente comercial. A globalização não se restringe apenas aos aspectos econômicos, mas envolve também questões relacionadas ao

¹ ARNAUD, André-Jean. O Direito entre Modernidade e globalização: Lições de Filosofia do Direito e do Estado. Tradução de Patrice Charles Wullaume. Rio de Janeiro: Renovar, 1999, p 58.

² BRIGAGÃO, Clóvis e RODRIGUES, Gilberto. *A globalização a olho nu, o mundo conectado*. São Paulo: Moderna, 1998, p. 76.

desenvolvimento tecnológico, aos meios de comunicação, a cultura e a outros aspectos não menos importantes.

O conceito de globalização parece adquirir uma dimensão abstrata cujo alcance pode ser constatado desde as grandes navegações. Para Magnoli³ a Globalização é o processo pelo qual o espaço adquiriu unidade e o seu ponto de partida está no período das grandes navegações.

Recentes obras quando se referem à origem do fenômeno da globalização acreditam que este é um processo histórico. Na atualidade, a sociedade vive o fenômeno chamado por globalização⁴.

Culturalmente encontra-se posicionamento no sentido de que o fim de um século e início do outro é freqüentemente alterado pelo fato de que o progresso não espera para se instalar segundo as etapas do calendário. A humanidade sempre se habituou a uma forma de pensamento geométrico e a história por isso nos legou uma visão do transcurso como se cada cem anos marcassem momentos claramente estabelecidos e claramente diversos dos cem anos precedentes.

Na contemporaneidade não tem sido assim. Os grandes eventos mudaram a face da terra e o período marcado por grandes mudanças não tem apresentado coincidência.

DESENVOLVIMENTO

Com efeito, a passagem do século XIX para o século XX deu margem à discussão no sentido de se estabelecer quando realmente termina um século e se inicia o outro.

Terá o século começado com a segunda Revolução Industrial ou apenas entre as duas Grandes Guerras?

³ MAGNOLI, Demétrio. *Globalização, Estado Nacional e Espaço Mundial*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 07.

⁴ LOPES, Rodrigo. *A cidade intencional: o planejamento estratégico de cidades*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998 pg 23 .

Analisando-se a globalização diante “do que é o mundo atual, como disponibilidade e como possibilidade, acreditamos que as condições materiais já estão dadas para que se imponha à desejada grande mutação, mas seu destino vai depender de como disponibilidades e possibilidades serão aproveitadas pela política. Na sua forma material, unicamente corpórea, as técnicas talvez sejam irreversíveis, porque aderem ao território e ao cotidiano. De um ponto de vista existencial, elas podem obter um outro uso e uma outra significação”. A característica básica da globalização atual é a velocidade de realização de suas relações de produção e circulação, conforme Milton Santos⁵. A controvérsia se estabelece na medida em que fatos históricos que tenham desenhado algum contorno de alteração nos destinos da humanidade podem ser vistos como elemento de interpretação aquele que se aponta como marco inicial à globalização.

Em quase tudo que se refere à história encontram-se grandes controvérsias.

A globalização como um fenômeno capitalista e complexo teve início na época dos descobrimentos, uma vez que as conquistas de então produziram um efeito no sentido de implantar na nova terra descobertas as práticas já desenvolvidas pelo descobridor. Mas o seu conteúdo passou despercebido por muito tempo, e hoje muitos economistas analisam a globalização como resultado da pós-Segunda Guerra Mundial, ou como resultado da Revolução Tecnológica.

O lapso temporal de quinhentos anos aponta para um período compreendido entre 1492 até 1792, momento em que a Revolução Francesa e a Revolução Industrial fizeram com que a Europa, que era a líder no processo de globalização, procedesse a ações que buscassem resolver as suas disputas e rivalidades. A partir de então reassume a Europa a uma efetiva expansão, ocorrida a partir de 1870, com a modernização dos meios de transportes, à época, por avançadas técnicas de navegação, ferrovia e a utilização do vapor.

⁵ SANTOS, Milton. *O novo mapa do mundo fim de século e Globalização*. São Paulo: Livraria Universitária, 1993, p.11 e 19.

Para a Europa o período que se estende de 1873 a 1896 é tradicionalmente considerado como a fase b de um *Kondratieff*⁶, as quais se constituem em fases cíclicas segundo a visão do economista Nikolai Kondratieff que demonstrou que as chamadas ondas K (de Kondratieff) duram em média 60 anos, sendo que os primeiros 25 a 30 anos representam a fase de expansão e os outros 25 a 30 anos representam a fase de depressão. Nikolai Kondratieff previu o colapso do capitalismo em 1929, mais conhecido como a grande depressão mundial. Previu, também, que após isto haveria a fase de expansão do capitalismo o que acabou acontecendo. Suas idéias foram transcritas para a língua alemã e difundidas para o resto do mundo.

A esta expansão, ocorrida após 1870 é tida por um período considerado historicamente como marco da globalização, teve o seu progresso calcado em expansões setoriais primordialmente nos transportes marítimos e terrestres.

Para Frédéric Mauro⁷, os transportes marítimos se apresentaram como de maior importância uma vez que a expansão teve lugar, sobretudo no ultramar, até mesmo para a Ásia. Ainda, comparando a capacidade de tal transporte, capaz de em uma só unidade, navio, transportar o equivalente a 200 vagões de estrada.

É certo que a chamada era industrial foi inaugurada a pouco mais de dois séculos, a partir de um conjunto de novas tecnologias que introduziram o sistema de produção fabril, a máquina a vapor (1765), a máquina de fiar (1767), o tear hidráulico (1768) e o tear mecânico (1785). Essas invenções deflagraram, na Inglaterra, a Primeira Revolução Industrial, que mais tarde se disseminaria pela Europa e América do Norte.

A Primeira Revolução industrial baseou-se quase que completamente no desenvolvimento da Indústria têxtil. A sua fonte de energia era o carvão mineral, que gerava o

⁶ BONOTTO, Edvar Luiz. www.ace-guarulhos.com.br acesso em 12/01/08

⁷ MAURO, Frédéric. *História econômica mundial 1790-1970*. Tradução por Lincoln Penna. São Paulo: Zahar, 1973, p.199.

calor e a força mecânica para as fábricas. A geografia Industrial britânica estruturou-se em torno das jazidas de hulha, que se tornaram os focos das regiões fabris das cidades operárias.

Na década de 1920, com Henry Ford, a organização do trabalho sofreria uma revolução, adaptando-se ao novo patamar tecnológico e à expansão de consumo. Em sua fábrica pioneira, Ford concebeu o sistema de linha de montagem, no qual os trabalhadores permanecem em postos fixos, enquanto uma correia transportadora movia as peças.

A linha de montagem especializou os operários na realização de operações simples e repetitivas, eliminando a necessidade de habilidades especiais. A meta inovadora era a de simplificar a produção de tal forma que ela pudesse ser fragmentada em movimentos⁸.

O fenômeno da globalização não apresenta em qualquer momento da história um indicador que represente interrupção, na verdade o que se apresenta são momentos de maior ou menor intensidade, de redução nos níveis de contração.

A globalização se apresenta como um dos elementos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política e espacial e conseqüente barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo. É um fenômeno observado na necessidade de formar uma unidade que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.

A reflexão doutrinária insere-se no fato de que a globalização transformou-se em um fenômeno, extremamente complexo e abrangente, norteador da sociedade internacional na pós-modernidade.

É a globalização, além de abrangente, de caráter irreversível, no sentido de que segue um curso natural, de difícil alteração, alcançando direta ou indiretamente a todas as pessoas em todos os quadrantes do planeta, em uma indicação proposta por DEL'OLMO⁹.

⁸ MAGNOLI, *op.cit.*, p.07.

⁹ DEL'OLMO, Florisbal de Souza. *A Globalização e seus paradoxos*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001, p. 237.

Ocorre, a necessidade de transformação dos ambientes internos dos países, assumindo em alguns o nome de neoliberalismo, envolvendo uma mudança nas relações sociais internas em favor dos interesses do credor e do investidor, com a subordinação dos setores produtivos aos setores financeiros, e com uma tendência a afastar da riqueza, do poder e da segurança a maior parte da população trabalhadora.

A transformação do ambiente externo dos Estados toma o nome de globalização, envolvendo a abertura da política econômica de um País à entrada de produtos, empresas, fluxos e operadores financeiros dos países centrais, tornando a política governamental dependente dos acontecimentos e decisões tomadas em Washington, Nova York e outros importantes centros capitalistas¹⁰.

As principais características da globalização apresentam-se com uma tendência à homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma cultura supostamente "universal", entre outros.

A experiência contemporânea apresenta-se sob o título de uma “GLOBALIZAÇÃO RECENTE” tendo se iniciado na década de 80. Este marco é indicado em razão do colapso havido na URSS.

Somente em meados de 1980 surgiu uma nova conceituação para o termo globalização, substituindo os conceitos então existentes, como internacionalização e transnacionalização. O ser humano, desde os primórdios de sua existência vem evoluindo, passando de uma simples família para grupos tribais, formando depois as cidades-estado, as

¹⁰ GOWAN, Peter. *A roleta global*. Tradução de Regina Bhering. Rio de Janeiro: Renovar, 2003, p. 129.

nações alcançando, independência de todos os povos do nosso planeta, ao fenômeno natural denominado de "aldeia global".

Fato é que o termo Globalização tornou-se uma palavra que está em franca utilização, de um conceito muito amplo e abrangente, sendo empregada em diversas ocasiões, mas nem sempre com o mesmo significado. É possível indicar uma conceituação para esse termo de forma básica como, o conjunto de transformações na ordem política e econômica mundial, onde o ponto central da mudança se traduz na integração dos mercados numa "aproximação global", explorada pelas grandes corporações internacionais.

A existência deste fenômeno permitiu ao homem uma qualidade de vida diferente daquela até então experimentada, as notícias sendo transmitidas em tempo real. Como exemplos de novas experiências a serem vividas diante do fenômeno da globalização é possível mencionar-se o acompanhamento à distância, de um fato; a impossibilidade em ocultar-se aos olhos do mundo um fato de interesse, como por exemplo, as competições esportivas e também os resultados de experiências científicas são acompanhadas por todo o mundo.

É como se o globo terrestre tivesse sofrido uma alteração em suas dimensões, transformado em um pequeno mundo. Esta expansão globalizada se marca em especial pela expansão das grandes corporações mundiais, as quais exercem decisivo e importante papel na economia mundial.

Estas indicações temporais importam em significativas alterações nos processos de produção de bens e mercadorias que, auxiliadas pelas facilidades de comunicação e transportes, podem instalar-se nos lugares em que se apresentem vantagens fiscais, de matérias primas e de mão-de-obra com menores custos. Resultado disto é o fato de que os bens e mercadorias já não mais apresentam uma nacionalidade bem definida. Uma empresa produz um mesmo produto em vários países e os exportam para outros, também é possível

observar a fusão e Consórcios de empresas, tudo isso tem como objetivo baixar custos de produção, aumentar a produtividade, então produtos semelhantes são encontrados em qualquer parte do mundo. A globalização faz referência especificamente aos feitos globais não pretendidos e imprevistos¹¹.

Verifica-se, que em determinados momentos históricos o mundo sofreu profundas alterações, quer seja pela importação, quer seja pela exportação de idéias e recursos. Inegavelmente há dificuldade em se determinar com exatidão as periodicidades do fenômeno globalizador.

Entretanto, ainda que tal imprecisão dos momentos de periodização e a não unanimidade na caracterização da natureza da globalização não se pode olvidar ser ela um fato inquestionável, que alcança e afeta de forma bastante intensa todos os espaços, promovendo efetivas mudanças nas estruturas da sociedade.

Quanto aos aspectos políticos da globalização é possível identificar em uma análise nos campos econômico e financeiro que a globalização indica seu início na década de 80, isto em razão da integração a nível mundial das relações econômicas e financeiras, sendo indicado como pólo dominante os Estados Unidos.

Destaque-se o fato de que a globalização constitui-se em um grande conjunto de transformações, a nível mundial, das políticas econômicas. Com efeito, são as grandes corporações mundiais quem efetivamente promovem a exploração das grandes corporações internacionais. Como consequência, os Estados aumentam as suas barreiras tarifárias como forma de proteção da sua produção interna em relação à concorrência dos produtos estrangeiros, como exemplo disto apresenta-se a telefonia e a informática.

O estado deve ter como prioridade o bem-estar dos indivíduos que o compõem. No entanto, a prioridade modificou-se, no sentido de se promover uma adaptação das

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 237.

economias nacionais às exigências da economia mundial. Percebe-se que o estado está se tornando uma esteira para a promoção de uma transmissão da economia mundial para denominada economia nacional.

Nos tempos atuais a globalização tem como característica relevante um mercado no qual a cada dia é visível a facilidade de comunicação, transmissão e processamento de informações, além da mobilidade internacional de capital. Desta forma no plano político-econômico, a globalização caracteriza-se pela desnacionalização da economia.

Não estará, seguramente, o Estado-Nação, a caminho de se dissolver em algo maior, mais poderoso, mais capaz de encarar as conseqüências da tecnologia moderna, alguma coisa que será nova e poderosa unidade básica do mundo de amanhã?¹²

Estas palavras apresentaram-se como uma ironia, por um tradicional semanário britânico, em relação a uma linha de raciocínio que expressa uma tese presentemente atual, qual seja, a da dissolução ou enfraquecimento do Estado-Nação em época de globalização.

A nova divisão internacional do trabalho, conjugada com a nova economia política “pró-mercado”, trouxe também algumas importantes mudanças para o sistema interestatal, a forma política do sistema mundial moderno. Por um lado, os Estados hegemônicos, por eles próprios ou através das instituições internacionais que controlam, comprimiram a autonomia política e a soberania efetiva dos Estados periféricos e semiperiféricos com uma intensidade sem precedentes, apesar de a capacidade de resistência e negociação por parte desses últimos poder sofrer variações diversas. Por outro lado, acentuou-se a tendência para os acordos políticos interestatais. No caso da União Européia, esses acordos evoluíram para forma de soberania conjunta ou partilhada. Por último, ainda que não menos importante, o Estado-Nação parece ter perdido a sua centralidade tradicional enquanto unidade privilegiada de iniciativa econômica, social e política. A intensificação de interações

¹² SEMANÁRIO BRITÂNICO *The Economist*,. Publicado em 23 de dezembro de 1995, p. 15.

que atravessam as fronteiras e as práticas transnacionais corrói a capacidade do Estado-Nação para conduzir ou controlar o fluxo de pessoas, bens, capitais, idéias, como o fez no passado.

A globalização surge como condição subjetiva fundamental das transformações estruturais em direção a um mundo solidário, pacífico e de cooperação dos povos para superar os antagonismos e conflitos decorrentes da competição entre economias nacionais. Destaque-se que esta visão a respeito da globalização conduz à idéia de que por ela, será possível alcançar uma consciência social inserida em um poder político global. Tal poder estará representado em uma ordem mundial que determinará um comportamento viável ao convívio humano em todas as suas relações.

Diante do fenômeno da globalização, irreversível, ocorre um forte crescimento e desenvolvimento da solidariedade, trabalho em grupo, relações mais próximas entre as pessoas e culturas, interligação humana, colaboração entre as pessoas, interatividade cultural. Considerando o fato de um mundo que se apresenta com características de divisão há que se concluir como fator positivo da globalização essa possibilidade de maior integração entre os indivíduos, que buscam desta forma a superação e o afastamento às crises que lhes são impostas.

É certo que a abertura da economia para a Globalização consiste em processo irreversível, que nos alcança diariamente de formas por demais variadas, sendo necessário, então, o aprendizado no sentido de convivência com o processo. Isto em razão de que as mudanças no cotidiano tornam a existência bastante difícil, na hipótese de não preparação de suporte que possam neutralizar os efeitos negativos advindos da globalização.

Ao que diz respeito aos seus aspectos negativos, a Globalização é crescente, os povos ficam a cada dia mais interdependentes, porém os países desenvolvidos são os maiores beneficiados ficando cada vez mais ricos, enquanto os países em desenvolvimento ficam cada vez mais empobrecidos. Este desequilíbrio se apresenta em razão de que há uma acentuada

interferência nas políticas internas dos Estados, permitindo uma desvalorização da mão de obra interna. Para oposição ao desequilíbrio, necessário então que algumas medidas sejam tomadas para buscar alteração deste quadro.

É possível verificar que há uma perda de controle sobre a produção e comercialização de tecnologia, coisa que, em tempos idos (Guerra Fria), seria inimaginável. Naquela época, a tecnologia estava ligada à soberania dos países. Atualmente, para empresas que operam em escala planetária e têm uma multiplicidade de contratos para cumprir em várias partes do mundo, a origem da tecnologia, da matéria-prima e do trabalho não tem a menor importância, bastando que seu custo seja baixo e sua qualidade seja alta.

Os comportamentos até agora adotados, no sentido de atender aos novos balizadores contidos na globalização podem se converter em prejuízos aos trabalhadores, na medida em que os setores que não acompanharem as novas exigências determinadas pelo mercado serão obrigados à nova realidade e, assim ocorrerem dispensas de trabalhadores e redução em termos salariais, em face da alta competitividade.

As mudanças e alterações encontradas no mercado a nível mundial são determinantes no sentido de que é necessário que haja uma dose de preocupação para que não se perca espaço. As alterações se apresentam de forma rápida, é necessário que se esteja em permanente atualização, enfim, ser dinâmico.

O conjunto de reformas experimentadas pelo mundo contém decisivas conseqüências no que tange a mudança do perfil da economia e da organização social de um País.

O processo de globalização econômica, inspirado na agenda do chamado “Consenso de Washington”, passou a ser sinônimo das medidas econômicas neoliberais voltadas para a reforma e a estabilização das denominadas “economias emergentes”. Têm por plataforma o neoliberalismo, a redução das despesas públicas, a privatização, a

flexibilização das relações de trabalho, a disciplina fiscal para a eliminação do déficit público, a reforma tributária e a abertura do mercado ao comércio exterior.

A globalização é o mundo em toda a sua amplitude. Converte-se em um elemento que promove a conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais, o que decorre de uma verdadeira "rede de relações" entre formas sociais e eventos locais e distantes, o que significa uma aproximação como nunca entre os indivíduos e uma ressonância instantânea dos fatos, eventos, ações e produtos neste sistema global. Sua configuração é tida como um contexto histórico muito rico, contraditório por excelência, em processo constante de modificações e, por isso, traz consigo a incerteza, daí, a visão de Bauman¹³ como sendo elemento imprevisível.

Certo que a instabilidade com que faz acompanhar o processo de globalização acaba influenciando sobremaneira no aspecto da soberania de um Estado. Em citação por Maria Ioannis¹⁴ encontra-se a colocação de que para os arautos da nova ordem global, como Ohmae (1995), Korten (1995), Strange (1996), Forrester (1997 ou Martin Schumann (1999) a globalização pode ser definida como uma nova fase de expansão capitalista, marcada pelo crescente domínio das grandes empresas multinacionais, do sistema financeiro e do mercado de capitais sobre o poder político.

Estes referidos autores consideram que a ordem global é distinta da ordem internacional, que tende a substituir, porque enquanto esta última é dominada pelo poder hegemônico de alguns estado-nação e regulada por convenções internacionais e acordos interestatais, a nova ordem é dominada pela mão visível dos mercados, transnacionalmente interligados, obedecendo a uma racionalidade econômica que busca como supremo objetivo aumentar a eficiência do sistema, independentemente dos desequilíbrios econômicos e das desigualdades sociais que possa gerar.

¹³ BAUMAN, op. cit., p.128.

¹⁴ BAGANHA, Maria Ioannis. *A cada Sul o seu Norte. Dinâmicas migratórias em Portugal. A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 133.

A visão da globalização indica ser ela um fenômeno que vem se instalando de forma mais contundente a partir da revolução tecnológica pela qual as diversas nações entram em conexão por meio de uma rede mundial informatizada.

Os efeitos dessa rede global se fazem sentir na produção industrial e nas finanças, nas trocas comerciais e de serviços, nos intercâmbios culturais, procedendo à difusão de idéias, valores, condutas para muito além dos costumes regionais e repercutindo nas relações políticas, no equilíbrio de forças internas de cada país e entre as nações.

Esse fenômeno além de apresentar-se com alta complexidade, ao mesmo tempo mostra a possibilidade de integração entre os povos, não deixando de revelar desequilíbrios decorrentes da universalização do crime organizado e dos jogos de poder em que os países mais pobres sofrem discriminação diante dos mais ricos, os quais não querem perder sua hegemonia.

A internacionalização do capital, através do fenômeno da globalização, promove uma verdadeira vinculação do Estado, o qual deve interferir no processo globalizador para reduzir os seus efeitos negativos na sociedade, não devendo ser admitido na forma como se apresenta, sob pena de institucionalização das desigualdades.

O Brasil vem sofrendo os impactos de uma política internacional e obtendo como resultado uma crise que alcança a população como um todo, gerando como consequência a exclusão nos campos da educação, trabalho, moradia, saúde e outros.

Partindo-se para uma avaliação da realidade vivenciada além dos grandes centros, pode-se encontrar resultados mais desastrosos já que a realidade no campo nos mostra pessoas que trabalham em troca de baixos índices salariais e ainda de um maior número de postos de trabalhos que geram sub-empregos, levando mesmo o indivíduo à condição de escravo, bem como ao aproveitamento ilegal de mão-de-obra infantil. A maior influência no cotidiano das vidas dos trabalhadores é proporcionada por uma instituição, trata-

se da empresa multinacional,¹⁵ sendo assim denominada aquela empresa que se encontra em operação em mais de um país, fabricando ou operando em países diferentes. Ela exerce uma influência cada vez maior sobre o sustento e modo de vida do que o sindicato, a Universidade, os políticos e o próprio governo.

O desafio que se apresenta é o de uma governabilidade global que estabeleça regras de convivência entre Estados, que garanta os direitos humanos e a universalização da democracia.

CONCLUSÃO

Certamente, a Globalização, em seu curso natural, irá enfraquecer cada vez mais os estados-nacionais, ou dar-lhes novas formas e funções, fazendo com que novas instituições supranacionais gradativamente os substituam. Com a formação dos mercados regionais ou intercontinentais (Comunidade Européia, Comunidade Econômica Independente, o Mercosul e outros), e com a conseqüente interdependência entre eles, assentam-se às bases para os futuros governos transnacionais que, provavelmente, servirão como unidades federativas de uma administração mundial a ser constituída. As instituições supra-nacionais apresentam-se com o risco de desenvolverem um papel que tenha por objetivo justificar atos praticados por políticas impopulares ou para processos não democráticos.

Para o Brasil, destaque-se que o primeiro passo para a formação de um bloco com a sua participação deu-se com a criação do MERCOSUL, em de 26 de março de 1991, com o Tratado de Assunção. Neste Tratado, os presidentes do Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, e seus respectivos Ministros das Relações Exteriores, assinaram um acordo que estabelece a integração econômica dos quatro países para seu desenvolvimento tecnológico e científico.

Ressalta-se o fato de que o objetivo da criação destes blocos visa o fortalecimento de seus membros e não o isolamento dos Países envolvidos.

¹⁵ GALBRAITH, John Kenneth. *A era da Incerteza*. Tradução por Nikelsen Pellegrini. São Paulo: Pioneira, 1982, p. 259.

Nesta “associação” tem-se a visão de que é necessário o aprimoramento da produção, pela conquista de novos mercados, incremento da economia, e, por fim, pela garantia de uma vida mais digna para seus povos.

Naquilo que se diz respeito ao MERCOSUL, tem-se visões ainda contraditórias quanto a seus resultados e realizações ou ainda, sobre as suas insuficiências e limites, quando avaliado na condição de processo para integração. O que não se pode afastar é a efetiva complexidade que decorre de um processo que visa a construção de uma entidade integracionista, face as suas realidades, políticas econômicas não coincidentes e sistemas de produção, estando o processo em fase evolutiva.

No sentido de contrapor-se a um mercado dito mundializado mister que ocorra a consolidação de um mercado unificado, com a perspectiva de um instrumento monetário comum aos seus membros.

O procedimento que vise a unificação de moeda se apresenta de forma coerente e lógico, uma vez que um mercado comum invoca de forma natural uma moeda também comum.

Os procedimentos primeiros podem ser dados no sentido de buscar um aperfeiçoamento na coordenação de políticas setoriais e monetárias, o que deve se formalizar entre pessoas e instituições envolvidas.

Existe um globalismo afirmador, mas também negador em razão do predomínio intelectual do mercado mundial¹⁶.

Tendo como característica marcante a competição acirrada entre as empresas para conseguir baixar preços e oferecer produtos melhores, a globalização pode em determinado momento trazer resultados significativos. A concorrência implica em corte de custos, que na maioria das vezes quer dizer corte de empregos. As empresas são impulsionadas ao

¹⁶ BECK, Ulrich. *¿Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*. Barcelona: Imp. Grafiques, 1992, p. 287.

enfrentamento de transformações. Elas precisam ser mais competitivas para enfrentar a concorrência estrangeira.

De uma visão geral, considerando o fato de que a globalização representa a integração das economias e das sociedades dos diversos países com sensíveis efeitos sobre os sistemas de produção e sobre os hábitos de consumo das populações, é de se concluir pela necessidade de políticas que busquem uma perfeita sintonia e adequação aos momentos por ela trazida.

A instauração dessa ordem global implica necessariamente que os Estados Ocidentais passem de Estado-Providência a agentes econômicos em busca de vantagens competitivas nos mercados globais.

Necessário que se apresente a noção de globalização, no sentido de que se possa efetivamente perceber a sua presença e manifestação nos seguimentos diversos da sociedade.

Como forma mais objetiva em se definir a globalização se faz necessário entendê-la como a transformação das relações entre as elites econômicas mundiais, com todos os desdobramentos culturais e sociais que dela resultam.

A sua presença em um determinado território indica o enfraquecimento da fronteira comercial, a formação de grandes blocos econômicos, o crescimento de fluxos migratórios e a concentração de recursos de ordem local, nacional e global fazendo com que este território passe a exercer um novo papel. Ora, não se deve afastar a concepção de que o sentido humanista há de prevalecer em relação aos interesses capitalistas, não podendo ocorrer o afastamento de uma ideologia central que consiste no reconhecimento de que a liberdade e a dignidade dos indivíduos residem no fato de existir sempre a expectativa de um trabalho cuja renda permita uma existência digna.

REFERÊNCIAS

- ARNAUD, André-Jean. O Direito entre Modernidade e globalização: Lições de Filosofia do Direito e do Estado. Tradução de Patrice Charles Wuillaume. Rio de Janeiro: Renovar, 1999, p 58.
- BAGANHA, Maria Ioannis. *A cada Sul o seu Norte. Dinâmicas migratórias em Portugal. A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 133.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 237.
- BAUMAN, op. cip, p.128.
- BECK, Ulrich. *¿Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*. Barcelona: Imp. Grafiques, 1992, p. 287.
- BONOTTO, Edvar Luiz. www.ace-guarulhos.com.br acesso em 12/01/08
- BRIGAGÃO, Clóvis e RODRIGUES, Gilberto. *A globalização a olho nu, o mundo conectado*. São Paulo: Moderna, 1998, p. 76.
- DEL'OLMO, Florisbal de Souza. *A Globalização e seus paradoxos*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001, p. 237.
- GALBRAITH, John Kenneth. *A era da Incerteza*. Tradução por Nikelsen Pellegrini. São Paulo: Pioneira, 1982, p. 259.
- GOWAN, Peter. *A roleta global*. Tradução de Regina Bhering. Rio de Janeiro: Renovar, 2003, p. 129.
- LOPES, Rodrigo. A cidade intencional: o planejamento estratégico de cidades. Rio de Janeiro: Mauad, 1998 pg 23 .
- MAGNOLI, Demétrio. *Globalização, Estado Nacional e Espaço Mundial*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 07.
- MAGNOLI, op.cit., p.07.
- MAURO, Frédéric. *História econômica mundial 1790-1970*. Tradução por Lincoln Penna. São Paulo: Zahar, 1973, p.199.
- SANTOS, Milton. *O novo mapa do mundo fim de século e Globalização*. São Paulo: Livraria Universitária, 1993, p.11 e 19.
- SEMANÁRIO BRITÂNICO *The Economist*., Publicado em 23 de dezembro de 1995, p. 15.